

Planalto vê com cautela crise na união da esquerda

Governistas preferem enfrentar chapa Lula-Brizola e temem que mudanças dificultem a vitória de FH

Ailton de Freitas/16-4-98



FERNANDO HENRIQUE: preferência por enfrentar uma chapa Lula-Brizola

Tales Faria

• **BRASÍLIA.** O presidente do PT, José Dirceu, abriu ontem a reunião da Executiva Nacional do partido declarando que o presidente Fernando Henrique Cardoso é o grande vitorioso na convenção do PT no Rio, na qual o partido resolveu lançar Vladimir Palmeira candidato a governador, não aceitando apoiar o candidato do PDT, Anthony Garotinho..

— O presidente Fernando Henrique já deve estar abrindo a champanhe — disse Dirceu.

Mas, no Planalto, a champanhe não foi estourada, apesar de os governistas acreditarem que ganham pelo fato de a decisão desarrumar alianças em torno da candidatura de Luiz Inácio Lula da Silva.

— As oposições unidas dificilmente venceriam as eleições. Mas, desunidas, tornam a vitória quase impossível. Com essas disputas regionais de vaidades, perdem tempo na elaboração de uma proposta alternativa de Governo, e isso, é claro, ajuda o presidente

a ganhar as eleições — disse o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves, logo após o encontro da cúpula tucana com Fernando Henrique no Planalto.

Mas os governistas temem pelos desdobramentos dessa desarumação na oposição. A chapa das oposições, com Lula como candidato a presidente e Leonel Brizola como vice, era considerada a ideal para concorrer contra Fernando Henrique. Não só porque o presidente acha que vence Lula, como também porque a união com Brizola serviria para somar as rejeições que os dois políticos têm registrado nas pesquisas de intenção de votos.

Analistas do Planalto temem riscos do imponderável

Com o anúncio de Brizola de que não faz mais sentido ser vice de Lula e, sobretudo, com a possibilidade de o petista desistir, não é improvável que as oposições mudem a estratégia. É o que os analistas das pesquisas de opinião feitas para o Planalto temem. E isso poderia trazer o que

eles chamam de risco do imponderável. Por exemplo, ninguém sabe qual seria o desempenho de um candidato como Ciro Gomes (PPS), caso consiga o apoio do PDT e do PSB. Ou qual seria o desempenho do próprio PT, se o candidato a presidente fosse Tarso Genro, com apoio maciço do PDT e do PSB nos estados, tendo Lula, por exemplo, como candidato a deputado federal por São Paulo e Leonel Brizola como candidato a senador pelo Rio.

A princípio, nomes fortes como estes teriam condições de eleger bancadas maiores da oposição e até aumentar o número de votos para um candidato a presidente que conte com o apoio de todos os partidos de esquerda.

Hoje, as cúpulas do PT, do PDT, do PSB e do PCdoB encontram-se às 17h em Brasília para examinar o futuro das oposições. Até ontem à noite, estavam confirmadas as presenças do presidente do PSB, Miguel Arraes, de Lula e do presidente do PT, José Dirceu, de Brizola e do presidente do PCdoB, João Amazonas. ■